



Patrimônio de Fé e Religiosidade: Os Bens Culturais inseridos na Festa do Senhor dos Passos em São Cristóvão (Sergipe, Brasil)

Heritage of Faith and Religiosity: Cultural Objects inserted on the Festival of Senhor dos Passos in São Cristóvão (Sergipe, Brazil)

Ivan Rêgo Aragão*

Resumo

O conceito de Bens Culturais de uma localidade vem passando por novos paradigmas quanto à abrangência e relevância. Nesse âmbito, além do Patrimônio Material de ruas, praças, igrejas, objetos artísticos e históricos, o discurso e ações dos órgãos oficiais e da comunidade, devem também se pautar pela valorização das produções imateriais da cultura. Esses elementos envolvem os sujeitos e os sons produzidos por eles, seus ofícios, memórias, festas e religiosidade. Nesse sentido, o presente artigo visa analisar os Bens Culturais que compõem o cenário da celebração do Senhor dos Passos e descrever os seus valores histórico, religioso e artístico. A metodologia utilizada foi: pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Após as três etapas da pesquisa, se constatou que a Festa do Senhor dos Passos em São Cristóvão possui elementos patrimoniais conectados que a transforma em um evento vinculado à identidade cultural-religiosa da região. Alguns desses elementos já são tombados nos níveis estadual, nacional e mundial, enquanto que outros, embora não reconhecidos pelos órgãos oficiais de salvaguarda do patrimônio, são valorizados pela comunidade no que concerne a afetividade, a memória, a dádiva e ao pertencimento: Patrimônios de Fé, Religiosidade e Culto em Sergipe.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Festa. Religiosidade. Senhor dos Passos. São Cristóvão (Sergipe).

Abstract

The concept of cultural property that belongs to one locality has been going through new paradigms regarding the scope and relevance. In this context, in addition to material assets (streets, squares, churches and historical-artistic objects) the speech and actions of official bodies and the community, should also be guided by the appreciation of intangible productions. Such elements involve the subjects and the sounds produced by them, their crafts, memories, parties and religiosity. In this way, this article aims at analyzing the aspects that make up the scene of the festivities of *Senhor dos Passos* as a Cultural object and describes its historical, religious and artistic values. The methodology used was the bibliographic, documental and field research. After the three stages of research and on-site observation, it was found that the Festival of *Senhor dos Passos* in *São Cristóvão* owns connected heritage elements which turn it into an event linked to the religious-cultural identity of the region. Some of these elements are already safeguarded statewide and at national and global levels, while others, though not recognized by the official bodies of safeguarding of heritage are valued by the local community by affection, memory, donation and belongingness: Heritage of Faith, Religiosity and cult in Sergipe.

Keywords: Cultural Heritage. Festivity. Religiosity. Senhor dos Passos. São Cristóvão (Sergipe).

Artigo recebido em 22 de abril de 2013 e aprovado em 07 de agosto de 2013.

* Mestre em Cultura e Turismo. Membro do Grupo de Pesquisa Sociedade & Cultura, da Universidade Federal de Sergipe. País de origem: Brasil. E-mail: ivan_culturaeturismo@hotmail.com

Introdução

O ato de rememorar os momentos finais em vida do Cristo está vinculado à cultura religiosa do Brasil, onde os indivíduos em sua maioria se declaram católicos.¹ Durante o Ciclo da Quaresma, a memória da Paixão e Crucificação de Cristo ocupa um lugar destacado na formação da sociedade luso-brasileira (AZZI, 1993 apud PEREIRA, 2003). Por todo o território nacional,² sejam em pequenas ou grandes cidades, em áreas urbanas ou em zonas rurais, Nosso Senhor dos Passos – uma das invocações da Paixão de Cristo - é louvado em igrejas e festas processionais.

Anualmente em São Cristóvão-Sergipe, pelas ruas do centro antigo, no segundo final de semana após o Carnaval³ acontece à celebração ao Nosso Senhor dos Passos. Com elementos do catolicismo barroco, a referida festa é processional com ações de penitência e imitação do Cristo sofredor. Nos dois dias em que ela é celebrada, os últimos momentos do calvário de Cristo são rememorados através das imagens do Senhor do Passos e de Nossa Senhora das Dores. A festa atrai pessoas em romaria de vários lugares do estado de Sergipe e do Nordeste do Brasil.

Nesse cenário, o presente artigo busca analisar os Bens Culturais que compõem a celebração do Senhor dos Passos, descrevendo os seus valores histórico, religioso e artístico. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, documental, de campo para observação *in loco* e entrevistas com atores sociais responsáveis pela política de conservação e promoção de alguns desses bens culturais.⁴

¹ De acordo com o IBGE e o Censo de 2010 as pessoas que se declaram católicas passaram de 93,1% para 64,6%, enquanto os pentecostais perfazem uma média de 22,2%. As outras porcentagens ficam entre o espiritismo, a umbanda, o candomblé, o budismo, o judaísmo, o islamismo e o hinduísmo, respectivamente. Também aparece no Censo de 2010, indivíduos que declararam não terem religião (ateus e agnósticos).

² Há relatos da festa de norte a sul do país: Florianópolis, Palhoça e Garopaba - Santa Catarina, Feira de Santana e Lençóis - Bahia, Corumbá de Goiás e Pirenópolis - Goiás, Rio Preto, São João Del Rey - Minas Gerais, Cachoeira Paulista - São Paulo, Oeiras - Piauí.

³ A festa é celebrada 17 dias após o Carnaval dentro do período da Quaresma.

⁴ As informações contidas nas entrevistas do presente artigo foram permitidas para divulgação pelos entrevistados através de documentação assinada de próprio punho.

A Festa do Senhor dos Passos em São Cristóvão possui em seu contexto, elementos patrimoniais imbricados que a torna um evento vinculado à identidade cultural religiosa da cidade. Alguns desses elementos já são tombados nos níveis estadual, nacional e mundial, enquanto que outros, embora não reconhecidos pelo órgão oficial de salvaguarda do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,⁵ são valorizados pela comunidade pelos fatores da afetividade, memória, dádiva, pertencimento e fé.

A partir da análise e descrição, o artigo está dividido em duas partes principais: a celebração do Senhor dos Passos como Patrimônio Cultural e alguns bens culturais que compõem o patrimônio da festa (museu do ex-voto, igrejas e praças do circuito, imagens de roca e memória do achado).

1 A Celebração do Senhor dos Passos como Patrimônio Cultural

Atualmente, encontra-se espraiada a concepção do que seja o conjunto patrimonial de um lugar. Conforme Funari e Pelegrini (2006), nos últimos anos do século XX a noção considerada reducionista de patrimônio histórico, caiu em desuso, sendo o conceito ampliado para patrimônio cultural. De acordo com os autores citados (2006, p. 36), “na década de 1980 foi consolidada entre os especialistas uma acepção ampliada do conceito de patrimônio, compreendido não só por produções de artistas ou intelectuais reconhecidos, mas estendido a criações anônimas, oriundas da alma popular”. Os estudos concluíram que o que determina a singularidade de uma comunidade é o conjunto dos “saberes e fazeres” das pessoas que nela estão inseridas.

Dentro dessa abordagem ampliada, Macena (2003, p. 63) informa que é patrimônio [...] “tudo o que existe como elemento essencial para o registro da

⁵O IPHAN é o órgão oficial que regulariza os registros dos bens patrimoniais do Brasil. O Registro é um instrumento legal de preservação, reconhecimento e valorização do patrimônio cultural imaterial brasileiro, composto por aqueles bens que contribuíram para a formação da sociedade brasileira. Consiste na produção de conhecimento sobre o bem cultural imaterial em todos os seus aspectos culturalmente relevantes.

memória individual e coletiva, e que possa contribuir com a formação do sentimento de pertença de uma comunidade”. Na dimensão ampliada do que significa patrimônio [...] “tudo que representa a impressão seja no nível material, ou simbólico, representa uma interferência humana que, portanto é cultura, que por sua vez, é Patrimônio Cultural” (MARTINS, 2003, p. 71).

Nesse contexto, as festas religiosas e tudo que as consolidam formam um tipo de patrimônio cultural da região. Fazem parte dos acontecimentos festivos do catolicismo, o patrimônio humano, sonoro e religioso que se forem vistos isoladamente, possuem significados independentes. Porém, ao se inter-relacionarem, esses elementos culturais compõem o escopo e tornam a festa singular.

A herança patrimonial perpassa pelo conjunto dos bens de produção material e imaterial, ligada as pessoas que dão sentido à festa. Organizadores, devotos, turistas e observadores interagem em um arcabouço de produção humana através do processo histórico do acontecimento festivo. Segundo Zanolli, Costilla e Estruch (2010, p. 33),

Agências e atores internacionais consideram estes devotos como portadores de cultura, assim possuem os saberes que dão forma – e dão conta – desse patrimônio imaterial que visa proteger, acreditamos que os termos criador ou transmissor de cultura, permitem a nós vermos o processo de maneira mais dinâmica e conceber o patrimônio cultural como um fato social, como um fenômeno que transcende e excede certa medida os indivíduos através de suas expressões e reproduções. (ZANOLLI; COSTILLA; ESTRUCH, 2010, p. 33, tradução nossa).⁶

O ato de festejar uma devoção religiosa remete ao patrimônio vivo, dinâmico, atualizado. Patrimônio de fé e culto que está constantemente sendo renovado, mas sem perder sua tradição. Dentro desse contexto, os elementos que formatam a Festa do Senhor dos Passos estão inseridos nas categorias patrimoniais

⁶Organismos y agentes internacionales consideren a estos devotos como portadores de cultura, en tanto poseen los saberes que dan forma a -y dan cuenta de- ese patrimonio intangible que se busca salvaguardar, creemos que los términos creador o transmisor de cultura, nos permiten ver el proceso de manera más dinámica y concebir al patrimonio cultural como un hecho social, como un fenómeno que transcende y excede en cierta medida a los individuos a través de los que se expresa y reproduce.

religiosas e artísticas da região, compostos por elementos tangíveis e intangíveis que formam a cultura local (Quadro 1).

O Patrimônio Cultural na Festa ao Nosso Senhor dos Passos, quer seja tangível ou intangível, está diretamente vinculado ao Patrimônio Humano, visto que a festa processional em São Cristóvão é acompanhada por pessoas devotas, promesseiras, penitentes, turistas e observadores. E no que tange a herança humana, Martins (2003, p. 71) pondera que “um patrimônio assim, não é algo sem importância, fruto de convenções sociais. Ele é dinâmico, serve para proporcionar um aprofundamento nos contextos sociais, históricos, econômicos”. Reúne atores sociais que fazem parte da paisagem da festa e que coadjuvam em um auto barroco com milhares de pessoas para render louvores às imagens do Senhor dos Passos e da Virgem das Dores. Esses agentes respondem pelas memórias do festejo religioso e perpetuação do mito do achado da imagem - traços que atraem fiéis, geração após geração, reforçando a carga simbólica da celebração festiva sacra.

Culturais (Materiais)	Culturais (Imateriais)	Humanos	Sonoros
Ruas do Centro Antigo	A memória sobre a festa	Devotos, promesseiros, penitentes	Linguagem dos sinos
Praça São Francisco	Procissões do Depósito e Encontro	Frades Carmelitas	Serviço de alto-falante
Igreja Conventual do “Carmo Maior”	Religiosidade popular	Morador	Canto da Procissão
Igreja do “Carmo Menor”	Ritos que envolvem a festa	Beatas	Celebração dos Ofícios
Museu dos Ex-Votos	“Saber fazer” as queijadas, doces, cocadas, bolachas de goma e briceletes	Voluntários	Silêncio e canto das procissões
Imagens de Roca de N. S. dos Passos e N. S. das Dores	A memória vinculada ao mito do achado	Ambulantes	Canto da Verônica
Igreja Matriz N. S. da Vitória		Turistas	

Quadro 1 – Bens Culturais Artísticos, Arquitetônicos, Humanos e Sonoros Conectados à Festa do Senhor dos Passos

Fonte: Dados da Pesquisa

No que tange ao Patrimônio Sonoro, é inimaginável a celebração do Senhor dos Passos sem os sons do badalar dos sinos, músicas sacras, rezas, canto da

Verônica,⁷ Ofícios da Paixão contraponto silêncio da Procissão do Depósito e da Sala dos Milagres. O silêncio “compreendido não como ausência de sons, mas como presença de possibilidades sonoras, como presença de mistério” (GIOVANINNI JÚNIOR, 2003, p. 146).

Diferentemente dos Bens que são Tombados,⁸ a salvaguarda do Patrimônio Imaterial [...] “deve, portanto estar mais orientada para a valorização do ser humano e para o registro do seu saber do que para a preservação ou valorização de objetos e produtos” (SANT’ANNA, 2005, p. 7). A rememoração sobre a invocação do Senhor dos Passos em São Cristóvão se concretiza tanto por pessoas que organizam (comunidade, igreja, empresas), como por quem participa (fiéis, devotos, penitentes, promesseiros, observadores e turistas).

Esse contingente de pessoas enquadra a festa dentro do paradigma ampliado que se convencionou a entender sobre o patrimônio do lugar. Além do conceito de patrimônio artístico e cultural, a Procissão ao Nosso Senhor dos Passos carrega todo um patrimônio humano, mencionado por Martins (2003). O valor humano dos participantes da Festa do Senhor dos Passos em São Cristóvão é mencionado pela professora Verônica Nunes⁹ em entrevista:

Sergipe tem outras festas tradicionais no sentido daquilo que a Antropologia e a História entendem como ‘festas tradicionais’. Elas têm uma longa duração e com o tempo vão sendo agregadas coisas novas, mas a Festa de Passos se mantém com o foco central que é o aspecto devocional [...]. Para mim, que sou historiadora e trabalho com esse objeto há muito tempo, considero que ela não tem perdas. [...] você vê as pessoas com as túnicas, pagando suas promessas, com coroa de espinhos e sente que esse sentimento da fé popular, é a grande marca dela [...]. É uma procissão de longa duração porque o eixo central dela permanece.¹⁰

A Festa do Senhor dos Passos, é um evento devocional e de promessa prestigiada, em sua maioria, por pessoas menos favorecidas socialmente.

⁷ Não há registro histórico de Santa Verônica e seu véu nos Evangelhos Canônicos, mas segundo reza a tradição, foi uma mulher piedosa que, comovida com o sofrimento de Jesus, deu-lhe seu véu para que ele pudesse limpar seu rosto.

⁸ O tombamento é a ação justificadora de responsabilidade do poder público em salvaguardar a memória coletiva. Tombar, mais especificamente, é a ação de inventariar, registrar e tomar sob guarda, para conservar e proteger bem de valor público (CHOAY, 2001).

⁹ Historiadora e professora da Universidade Federal de Sergipe.

¹⁰ Entrevista concedida em 30/03/2011 em Aracaju.

Indivíduos que através da devoção, podem manifestar a sua crença no Sagrado ou desabafar os seus descontentamentos frente às dificuldades do cotidiano com as imagens processionais. Evidenciando a celebração religiosa como parte da cultura são-cristovense e, porque não dizer, sergipana.

2 Alguns Bens Culturais que Compõem o Patrimônio da Festa

2.1 O Museu do Ex-voto ou Sala dos Milagres

Em consequência da celebração centenária e milagres atribuídos ao Senhor dos Passos, ano após ano, devotos, promesseiros e penitentes levam objetos relativos às curas alcançadas. Desse modo, surgiu espontaneamente na Igreja Conventual do Carmo, o Museu do Ex-voto.¹¹ O citado museu foi inaugurado no claustro da Igreja conventual do Carmo no dia primeiro de janeiro de 1990, ano que se iniciou a comemoração dos 400 anos da cidade (SANTOS, 2004).

O Museu do Ex-voto despontou pela necessidade de guardar objetos de graças alcançadas em favor do Senhor dos Passos.¹² Tornou-se ponto de atração não só de devotos que vão fazer a desobriga,¹³ mas como mais um espaço museal da cidade. Assim como o Museu Histórico de Sergipe e o Museu de Arte Sacra - ambos no perímetro antigo – o Museu do Ex-voto, atrai visitantes, pesquisadores, turistas e curiosos. É grande o afluxo de pessoas que visitam este espaço na festa de Jesus rememorando a *Via Crucis*.¹⁴

Em São Cristóvão a festa de Nosso Senhor dos Passos atrai multidões de fiéis ao santuário dos ex-votos, onde uma grande variedade de tipos e de formas ajuda a compreender a extensão do costume devocional, resquício de certo ideal de vida santa, predominante da Idade Média (BARRETO, 2006, p. 44).

¹¹ O termo ex-votos origina-se do latim *ex-voto suscepto*, isto é, “por força de uma promessa” ou “o voto realizado”.

¹² Também conhecido como Sala dos Milagres.

¹³ Colocação de ex-votos nas salas de milagres das igrejas.

¹⁴ Trajeto seguido por Jesus Cristo carregando a cruz que vai do Pretório até o Calvário.

Como contou em entrevista a Sra. Lúcia Pereira,¹⁵ o Museu do Ex-voto passou por mudanças em sua localização, espaço e exposição das peças. Foram priorizadas ações de reorganização, desmonte, conservação, registro fotográfico e catalogação do acervo.¹⁶ O museu ficou fechado por um ano, e voltou a funcionar em uma sala anexa da Igreja do Carmo Menor, sendo reaberto na edição da festa de 2008.

Como menciona Pereira (2003, p. 69), “o primeiro lugar que o devoto visita depois de ver o santo, é a sala dos milagres. Ali estão os dados concretos que o santo é eficiente, poderoso, milagreiro ou qualquer outro adjetivo que reforce a reprodução da crença”. Essa constatação atesta a fala da entrevistada Sra. Lúcia Pereira ao mencionar que [...] “a quantidade de peças do acervo do museu atesta aos devotos que o Senhor dos Passos é milagreiro [...] essa é uma forma de reconhecimento pela qual os devotos querem mostrar publicamente [...]”.¹⁷

Através da pesquisa bibliográfica, se verificou que quase sempre, as festas em favor à devoção ao santo/padroeiro que concede cura/milagre, os agentes organizacionais criam um local - próximo à imagem ou lugar dos milagres - para o recebimento dos ex-votos. As salas dos milagres ou museus dos ex-votos são de suma importância, pois ao guardar objetos de graças alcançadas, tornam-se locais de registro material do poder do santo padroeiro.

2.2 Igrejas (Conjunto Carmelita, Matriz, São Francisco) e Praças do Circuito da Festa

Como espaço onde são guardadas as imagens processionais – durante o ano e na festa - o Conjunto Carmelita (Igreja Conventual do Carmo Maior e Carmo Menor) e a Igreja Matriz apresentam ao devoto todo o microcosmo sagrado de

¹⁵ Irmã leiga consagrada na Ordem Carmelita, mestre em antropologia e responsável pela nova diagramação do Museu do Ex-voto em São Cristóvão.

¹⁶ Com o título de “Saltério de Madeira: salvaguarda dos signos de cura e de fé de São Cristóvão”, o projeto da Sr.a Lucia Maria Pereira foi um dos finalistas nacionais do Premio Rodrigo Melo Franco de Andrade no ano de 2011, promovido pelo Iphan na categoria pesquisa e inventário de acervos no Museu do Ex-voto em São Cristóvão.

¹⁷ Entrevista concedida em 23/11/2011 na cidade de Aracaju.

equilíbrio e realidade religiosa. O conjunto carmelita foi edificado ainda quando o Brasil era colônia de Portugal. Segundo alguns autores,¹⁸ a igreja inicial também conhecida como Carmo Maior, foi ampliada a partir da capela primitiva em 1739. Sua construção teve como mestre o então frei Antônio de Santa Eufrásia Barbosa (CARVALHO, 1989), (ORAZEM, 2006).

O altar da igreja possui o estilo neoclássico e foi construído após a igreja. O convento existe desde o final do século XVII, e de acordo com Carvalho (1989), foi reedificado entre 1755 e 1763 pelo frei José Ângelo Teixeira. Possui claustro térreo e colunas no mesmo estilo dos conventos franciscanos. Em 1874 funcionou o Liceu de São Cristóvão e já no século XX, o convento foi reformado para funcionar o Colégio Imaculada Conceição. Em 1924 foi criado o noviciado, onde a Beata Dulce dos Pobres estudou e recebeu seu hábito.¹⁹

O conjunto carmelita é o os espaço sagrado por excelência, onde através dos ritos, ações e condutas se vive a sacralidade em sua maior intensidade. São os locais onde se fazem mais presente, o controle e organização da Igreja. Na análise de Rosendhal (1996), é nesse controle de pessoas e coisas que muitas vezes que a religião se estrutura, criando os seus territórios.

Essa constante doação que impregna a filosofia de vida dos irmãos carmelitas está vinculada ao esforço da igreja participar enquanto instituição eclesiástica benevolente. Segundo Mauss (2008), o dar e receber e retribuir – que nem sempre envolve trocas materiais - se reveste de uma relação onde a dádiva torna-se fator de aliança entre as partes. As ações dos carmelitas são uma forma da Igreja Católica estar próxima dos seus fiéis, orientando as pessoas para a liturgia, sacramento e ritos.

Com a devoção ao Senhor dos Passos, a antiga Capela da Ordem Terceira do Carmo (Carmo Menor), passou a ser popularmente conhecida como a Igreja do

¹⁸ Bazin (1983), Iphan (s.d.), Nascimento (1981), Sobrinho (s.d.), Vilela; Silva (1989), citados por Orazem (2006).

¹⁹ Maria Rita de Souza Brito Lopes era o nome de batismo de irmã Dulce. Ainda adolescente, fez noviciado na Escola das Irmãs da Imaculada Conceição, em 1933/1934, nessa época instalada no Convento de Nossa Senhora do Carmo, em São Cristóvão/SE, recebendo o hábito da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Fonte: Blog Cicerone de São Cristóvão.

Senhor do Passos. No Inventário de Bens Móveis e Integrados realizado pela Superintendência do IPHAN em Sergipe, está documentado que a edificação foi construída em 1745. A construção é um monumento tombado inscrito no Livro de Belas Artes,²⁰ volume I, folhas 60, 279 A e no Livro Histórico, volume I, folhas 35, 212 ambos no ano de 1943 (BRASIL, 2001).

Os elementos da concha e volutas confeccionadas em pedra calcária estão presentes no coroamento da portada (Figura 1). Faz parte do conjunto da entrada, a imagem de Nossa Senhora do Carmo e o símbolo do Monte Carmelo, ambos esculpidos com o mesmo material.



Figura 1 - Fachada da Igreja do Carmo Menor
Foto: Ivan Rêgo Aragão, 2011.

²⁰ O patrimônio material protegido pelo Iphan, com base em legislações específicas, é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. Fonte: Iphan.

Na análise de Orazem (2006), os elementos artísticos da fachada - fitomórficos, concheados e volutas²¹ - destaca o estilo Rococó na construção da Igreja Conventual do Carmo Maior. Segundo a autora citada,

Supõe-se que a igreja da Ordem Terceira – denominada de Nosso Senhor dos Passos ou Carmo Menor – foi construída posteriormente, mais ou menos nessa segunda época (segundo quartel do século XVIII), isso porque era habitual acontecer, já que as irmandades estabeleciam-se após a autorização dos clérigos e também porque suas características mais recentes (ORAZEM, 2006, p. 42).

Os seis retábulos laterais em estilo Rococó e sem policromia, emolduram as esculturas do Senhor da Pedra Fria, Senhor da Coluna, Santa Tereza D'Ávila, São Simão Stock. Bem como uma pequena imagem de vestir de Nossa Senhora do Bom Sucesso. É na Igreja do Carmo Menor que as imagens do Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores ficam guardadas, passado o ano entronadas nos altarmor e lateral, respectivamente. A imagem de roca do Senhor dos Passos permanece localizada na parte mais elevada do altar dentro do nicho, no entanto, a escultura de Nossa Senhora fica localizada no primeiro altar lateral à esquerda de quem entra na igreja.

A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória é datada de 1608 e foi edificada pelos padres jesuítas por ordem dos reis da Espanha para ser a Sede Episcopal (CARVALHO, 1989). Esse templo é uma invocação à padroeira da cidade, e de acordo com Vilela e Silva (1989, p. 25), é “o mais antigo monumento tombado em Sergipe”. A Matriz passou por várias modificações ao longo de sua existência. Em 1859, ela desabou desde a entrada principal até o arco cruzeiro²² sendo praticamente reconstruída. No arco principal é possível verificar a presença de dois anjos e a imagem de São Cristóvão em pedra calcária.

Segundo Carvalho (1989, p. 38), [...] “de grande volumetria, esta igreja possui duas torres bem proporcionadas, guarnecidas por azulejos brancos e

²¹ Os artistas do período barroco e o rococó se utilizaram de elementos da natureza, como folhas e conchas, bem como elementos em espiral para dar a idéia de movimento.

²² Elemento de arquitetura que separa a nave da capela-mor ou do coro situando-se no cruzeiro.

encimadas por galo português. Os púlpitos são em estilo barroco com ‘taças’ em cantaria”. Nas comemorações da Festa ao Senhor dos Passos é para a Igreja Matriz que se dirige a imagem no sábado à noite na Procissão do Depósito, sendo recebida para visita de devotos a partir da madrugada do domingo até ser levada em cortejo no mesmo dia à tarde para a Procissão do Encontro.

A Praça Getúlio Vargas, onde se encontra a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória é o espaço onde notadamente no domingo a relação sagrado/profano é mais evidente. Dentro da Igreja Matriz o controle e a organização se fazem presente, porém à frente da igreja onde se encontra o quadrilátero da praça, existe um intenso comércio para a venda de bebidas, CD’s de música sertaneja, parquinho para a diversão das crianças etc. Devoção e diversão são duas práticas que embora pareçam serem contrárias à primeira vista, fazem parte da paisagem da festa em São Cristóvão. Se não fosse “a presença de promesseiros em suas ações rituais e devidamente trajados, as ruas da cidade lembrariam uma grande feira em festa, pois é enorme o universo dos vendedores ambulantes, sem contar com os bares e o sempre presente parque de diversões” (BITTENCOUT JUNIOR, 2003, p. 3).

A Praça São Francisco²³ se transforma no cenário para a Procissão do Encontro (Figura 2). A intensidade da sacralidade dos espaços durante a Festa de Passos é definida muito por conta da Procissão do Depósito que desloca a imagem do Senhor dos Passos da igreja do Carmo Menor para a Matriz. A Sra. Aglaé D’Ávila Fontes,²⁴ menciona que, “a Festa de Nosso Senhor dos Passos, é uma das mais representativas da religiosidade popular em Sergipe”.²⁵ A interlocutora faz uma alusão à fé que se estabeleceu no Brasil com a colonização portuguesa. “Em São Cristóvão não foi diferente, mesmo por conta de uma herança religiosa muito presente com as igrejas espalhadas pelo centro antigo”.

²³ Desde agosto de 2010, a Praça São Francisco recebeu o selo de Patrimônio Cultural da Humanidade da UNESCO por ser um modelo exemplar de *Plaza Mayor* construída em terras fora da Espanha.

²⁴ Secretária de Cultura e Turismo em São Cristóvão no período de 2008 a 2012.

²⁵ Entrevista concedida em 19/03/2011 em São Cristóvão.



Figura 2 - Procissão do Encontro na Praça São Francisco
Foto: Marcio Garcez, 2006

São Cristóvão além de ter sido a primeira sede da Província de Sergipe Del Rey (NUNES, 2007), por já ser inaugurada com *status* de cidade (ficando atrás respectivamente de Salvador, Rio de Janeiro e João Pessoa, antiga Nossa Senhora das Neves), detém o título de quarta cidade mais antiga do Brasil. Para a Sr^a. Aglaé D'Ávila:

[...] desde a colonização do Brasil houve a presença de duas grandes instituições religiosas no Brasil colônia: jesuíta e carmelita. Ambas as irmandades vieram para São Cristóvão e aqui edificaram sua fé. [...] Em São Cristóvão atesta-se a força da Igreja Católica, embora hoje já se perceba várias igrejas evangélicas e terreiros de culto negro, onde muitas vezes a participação de pessoas de outra religião, principalmente o candomblé, está vinculada ao sincretismo religioso próprio da cultura brasileira [...].

Em um ambiente eminentemente histórico onde se realiza a festa, existe a dimensão macro espacial (todo o perímetro urbano da cidade) e a dimensão micro espacial (o centro antigo demarcado pelas três principais praças e suas ruas). O conjunto carmelita composto pela Igreja do Carmo Maior, Convento e Carmo Menor (atual igreja de Nosso Senhor dos Passos) e a Igreja Matriz de Nossa

Senhora da Vitória, as praças Getúlio Vargas e São Francisco, largo do Carmo e as ruas do circuito das procissões, se revestem de uma aura para manifestação do Sagrado.

2.3 As Imagens de Roca²⁶

As representações das figuras de Cristo e Nossa Senhora, sempre exerceram fascínio dentro da religião católica. No catolicismo, a adoração de imagens faz parte da doutrina, sendo recomendado o seu culto e devoção como mediador no diálogo com Deus. Steil (2001, p. 21) reflete que “da mesma forma que os corpos humanos são depositários das almas invisíveis, as imagens são os corpos dos santos. Através das imagens se estabelece uma comunicação entre vivos e mortos”. Dentro das tipologias das imagens, dimensões e tecnologia de construção, o presente artigo destaca as imagens de roca que estão inseridas na festa são-cristovense, no imaginário e memória coletiva dos participantes. Sendo o Cristo e Nossa Senhora, os principais objetos de devoção e personagens da comemoração sacra.

As imagens de roca e de vestir tiveram grande força na Espanha e Portugal barrocos e, foram de lá, transplantadas para a América Portuguesa. Com a União Ibérica,²⁷ esse tipo de imagem teve grande aceitação em Salvador (FLEXOR, 2005) e como consequência em São Cristóvão, visto que a província de Sergipe Del Rey esteve ligada a Bahia, tanto política, como religiosamente até 1820²⁸ (NUNES, 2007).

As imagens de roca da Festa do Senhor dos Passos são articuláveis e foram construídas no século XVIII ou XIX (BRASIL, 2001). Representam o Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores. Segundo o Inventário de Bens Móveis e Integrados em Brasil (2001), elas fazem parte do acervo da igreja da antiga Ordem

²⁶ Imagem de Roca ou de Vestir são nomeações dadas às imagens que saíam em procissão no período do Brasil colônia. Seus corpos sempre cobertos por ricas vestimentas e adereços, possuíam estrutura de ripas ou tronco com talha pouco elaborada, por isso eram mais leves que as imagens de talha inteira.

²⁷ A União Ibérica durou 60 anos (1580-1640), assim é denominado, o período que Portugal esteve sobre o domínio da Espanha.

²⁸ Data da emancipação política da província de Sergipe Del Rey.

Terceira do Carmo. Ambas as imagens, têm proteção legal nos níveis estaduais e federais, bem como tombamento em conjunto com a edificação. A imagem do Senhor dos Passos está inscrita no Livro Histórico, volume I, folha 35 e de Belas Artes, volume I, folha 60. A escultura de Nossa Senhora (Figura 3) possui inscrição no Livro Histórico, volume I, folha 35 e no Livro de Belas Artes, volume I, folha 60 (BRASIL, 2001).



Figura 3 - N. S. das Dores Entronada no Segundo Altar Lateral
Autor: Ivan Rêgo Aragão, 2011

Construídas em madeira pouco talhada e policromada, atualmente são destinadas ao culto interno da igreja, mas principalmente ao culto público. As duas imagens possuem cabeça e mãos, porém, a imagem do Senhor dos Passos por estar com um dos joelhos tocando o chão, se apresenta com um dos pés aparente. Como a imagem de Cristo, a de Nossa Senhora possui o corpo confeccionado em uma armação em madeira forrada com um tecido azul. Sobre a periodização das imagens da Igreja do Carmo Menor, Orazem (2006, p. 72) conclui que:

Todas as esculturas – imagens sacras - existentes na igreja da Ordem Terceira não são do período colonial, notando-se uma quantidade de esculturas do período Neoclássico e até mesmo de período posterior. Confirma-se essa afirmação quando, ao se deparar com as imagens, não se percebe nenhuma característica marcante do período colonial, ou seja, esculturas com movimentação, ou com fisionomias realistas. Existem algumas esculturas de roca, com o corpo articulado e que possuem vestuário, porém, estas são do período posterior por volta de século XIX ao início do XX.

O destaque fica para a imagem que representa Jesus em uma das cenas da Paixão, que possui olhos de vidro, indumentária e peruca, estes dois elementos trocados a cada edição da festa. Nos estudos de Quites (1997, 2007), tanto a imagem de vestir, como a de roca possui articulações, porém ficam escondidas sob a indumentária. “Essas duas categorias geralmente possuem perucas de cabelos naturais e vestes feitas em tecido” (QUITES, 1997, p. 1). No Brasil desde o século XVIII, foram confeccionadas para serem utilizadas nas procissões e servirem para tornar a cena mais realística e dramatizada. Flexor (2003, p. 529) menciona que em Salvador setecentista,

A possibilidade de mudar a roupagem e gestos se coadunava perfeitamente com a teatralidade barroca e com que a cena pedia. Essa prática, como se viu, remontava a Idade Média, quando, nas teatralizações das vidas dos santos, a Igreja tomou emprestada do teatro de marionetes o uso de bonecos, vestidos de acordo com a cena que representavam.

Até o final do século XIX as imagens de roca foram importantes instrumentos de propaganda religiosa católica contrarreformista. Relegadas por anos, atualmente vêm sendo estudadas por historiadoras e pesquisadoras da história da arte em Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro.²⁹ A revalorização desses objetos de culto por estudiosos, está em perceber a sua relevância como elementos religiosos didáticos e com força sociocultural. Pelo seu apelo visual, as imagens de roca/vestir foram no Brasil colônia, facilitadoras na assimilação da filosofia barroca trentina da contrarreforma.

²⁹ Ver Campos (2000), Flexor (2005), Oliveira (2000), Quites (1997, 2006, 2007), Rabelo (2009).

Rabelo (2009) reforça o caráter das imagens de roca ao mencionar que, [...] “estas imagens faziam parte de um espetáculo artístico efêmero de forte comoção, que, finito numa duração temporal, deixaria impregnada uma impressão comovente e transformadora no fiel” [s. n.]. Foram importantes objetos de culto e devoção para a conversão dos ameríndios, africanos da diáspora e europeus que aqui se encontravam, lembrando a força da Igreja em solo brasileiro.

Criadas e enfatizadas pela matriz sensorial das procissões, as imagens provocavam emoções e lágrimas nos fiéis. E essas lágrimas, inclusive recomendadas pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, surgiam diante das cenas de sofrimento de Cristo e de Maria. Outras levavam à meditação. Criavam, por assim dizer, o cenário propício (FLEXOR, 2005, p. 165).

Quando não estavam em cima das charolas nas procissões, serviam para o culto dentro das igrejas. Eram periodicamente limpas, trocadas de roupa, cabelo e jóias. Inicialmente possuíam indumentária simples para representar a luto no caso de Nossa Senhora nas cenas da Paixão. Com a responsabilidade a cargo das irmandades e ordens terceiras as imagens passaram a serem ornadas com tecidos e jóias mais caros. Flexor (2005, p. 173-174) menciona que em Salvador no século XVIII,

A participação das Irmandades e da população na ornamentação de imagens fez o luxo ser, cada vez, mais crescente. Os setecentos substituíram as antigas vestes negras por preciosas vestimentas, de finos tecidos – veludos, sedas, brocados -, por vezes bordados a ouro ou prata que, em conjunto com os demais ornamentos, - pérolas, marfim, pedras semipreciosas -, contribuíam significativamente para a verossimilhança da imagem com figuras luxuosas das Cortes. [...] No século XVIII, muitas figuras desses cenários foram enriquecidas, especialmente os mantos da Virgem. [...]. Para sair à rua nas procissões, os Santos vestiam-se, portanto, com luxo e não só usavam jóias como tinham sua coleção particular de peças de ouro, prata e pedras preciosas. No imaginário popular, a Virgem e o Cristo Crucificado, os Santos e as Santas amavam as riquezas, como os seres humanos, e talvez até mais.

Em entrevista, o Sr. Henrique dos Santos³⁰ salientou a importância do processo de revisão do estado de conservação relativo à imagem. Pela sua dupla

³⁰ Conservador-restaurador das imagens que fazem parte da festa.

função - social e religiosa - é fundamental que mantenha a imagem com a sua estrutura e estética intacta, para que ela continue exercendo esses dois papéis na sociedade (MAUÉS; HERRERA-ROMERO; QUITES, 1998). Haja vista muitos devotos não se contentam apenas em olhar e venerar Nosso Senhor dos Passos; eles querem tocar a imagem, jogar roupas e muitas vezes, os objetos dos ex-votos, danificando a carnação,³¹ ou até, desarticulando o braço da imagem. Esse fato também foi relatado por D. Neném ao informar que [...] “teve um ano que jogaram bastantes vestes roxas em pagamento de promessa, que o braço do Senhor dos Passos descolou” [...].³²

2.4 A Memória Vinculada ao Mito do Achado da Imagem

O mito relacionado ao achado da imagem e que iniciou as rezas, devoções e posteriormente à festa, faz parte da memória coletiva da comunidade. A tradição oral confirmada pela documentação de Serafim Sant’iago datado de 1920 aborda a origem da Festa do Senhor dos Passos em São Cristóvão. Nesse contexto, às homenagens a Cristo sob esta invocação, encontram sua gênese a partir de uma estória que remete ao achado da imagem no rio Paramopama.³³ No seu manuscrito o citado autor (p. 180) menciona que:

Um homem praiano, (diziam elles), cujo nome não me lembro, encontrou certo dia, rolando pela costa que fica ao sul da Cidade, um grande caixão resultado talvez de algum naufrágio de alguma sumaca; elle cuidadosamente rolou-o para a terra, abriu-o e surprehendido ficou verificando a existência de uma perfeitíssima Imagem de roca em tamanho natural. O homem de educação religiosa muito honesto, tomou uma canôa e nella acomodou o referido caixão, e com outros companheiros transportou para a velha cidade, o feliz e milagroso achado. Foi esta sagrada Imagem ali entregue aos frades jesuítas carmelitas que collocou em uma capelinha da Igreja – Ordem 3a. do Carmo, e depois de

³¹ Pintura que imita a pele humana. Em restauração de escultura policromada, a camada de pintura que reveste as partes não-cobertas da anatomia, simulando a cor e a textura da carne humana. O mesmo que o termo *encarnar*.

³² Depoimento concedido em 20/03/2011 em São Cristóvão-Sergipe.

³³ Afluente que beira a cidade pela parte baixa.

longos annos, mudada para o Throno do Altar-mór da mesma Igreja. Como sabem, sempre foi no segundo domingo da quaresma, o dia aprasado para effectuar a tradicional procissão dos Passos na antiga Cidade.³⁴

Esse fato é narrado por quase todos os depoentes na pesquisa de campo.³⁵ O encontro da caixa feito por um pescador é recorrente na memória dos moradores mais antigos, sendo passada para a população mais jovem, sejam nos dias da festa ou durante todo o ano.

No Brasil, principalmente na região nordeste, do século XVIII e XIX, a irmandade terceira carmelita foi responsável pelo culto público das cenas da Paixão, e, portanto, “tiveram o privilégio da cerimônia da procissão do Senhor dos Passos” [...] como explica Flexor (2003, p. 526) em sua pesquisa a documentos de fontes primárias.³⁶ Acredita-se que em São Cristóvão não foi diferente, isso justifica o ato do pescador em levar a escultura de roca para a igreja dos carmelitas. A imagem representa cristo ajoelhado, e desse modo, faz parte de uma das cenas dos mistérios da Paixão.

O mito do achado de uma imagem de devoção no meio fluvial ou marítimo e que, posteriormente, torna-se milagreira, é revisitado em alguns lugares de peregrinação e celebração religiosa do catolicismo no Brasil e no exterior (Quadro 2). A exemplo das invocações ao Nosso Senhor dos Passos, Nossa Senhora Aparecida, Bom Jesus de Pirapora, Nossa Senhora de Nazaré, ou na representação da padroeira nacional cubana de *La Virgen de la Caridad del Cobre*.

Os exemplos dos mitos do achado tornam possível constatar que independente da veracidade dos fatos, eles povoam a fé e o imaginário coletivo de quem participa das festas. Segundo Steil (2001), quando se compara os mitos e lendas em volta dos santuários brasileiros, verifica-se um padrão de símbolos,

³⁴ Versão transcrita com grafia original do manuscrito. Documento pertencente ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Fundo Serafim Sant’iago, fl. 20, 1920.

³⁵ Realizada no período da Festa de Nosso Senhor dos Passos na edição de 2011 pelo presente autor.

³⁶ Em seu artigo (2003) a autora faz referencia as Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia para mencionar o culto e devoção de Senhor dos Passos ficava a cargo da Irmandade Carmelita.

signos e narrativas que se repetem. O mais importante entre os mitos e lendas, não é o fato em si, mas apontar para uma sucessão de fatos que guiam para uma melhor compreensão da tradição e da cultura brasileira.

Cidade	Santo/Imagem	Período/Ano do achado	Local do achado	Ator social que a encontrou
Pirapora do Bom Jesus	Senhor Bom Jesus (<i>Ecce Homo</i>)	1725	Rio Tietê	José de Almeida Naves
São Cristóvão	Senhor dos Passos	Provavelmente séc. XIX	Rio Paramopama	Pescador
Aparecida	N. S. Aparecida	1717	Rio Paraíba do Sul	Pescadores
Belém	N. S. de Nazaré	1700	Murutucú (igarapé)	Plácido José de Souza
Santiago de Cuba	<i>Virgen de La Caridade</i>	Séc. XVII	Mar do Caribe	Homens à deriva

Quadro 2 - Cidades que convivem com o mito do achado de uma imagem no rio, igarapé, mar que se concretizaram em lugar de peregrinação, culto e turismo religioso.

Fonte: Dados da Pesquisa

Em algumas religiões a água é vista como fonte da vida, elemento de regeneração e purificação. Na tradição judaico-cristã a água simboliza a origem da criação do mundo. Como “fonte de todas as coisas, manifesta o transcendente e deve ser, em consequência, considerada como uma *hierofania* (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1993, p. 16).

Nesse sentido, os mitos que envolvem as festas religiosas católicas populares conferem uma aura de mistério ao santo cultuado, onde o “maravilhoso” e o “fantástico” inserem-se na própria sacralidade da comemoração. É nos mitos que permeiam o santo padroeiro que os devotos se apegam e perpetuam a sua fé e devoção.

Considerações Finais

Ao analisar os aspectos da Festa do Senhor dos Passos que são vinculados aos seus valores culturais, históricos e artísticos, se constatou a variedade de elementos que compõem o arcabouço da celebração. Alguns dos Bens Culturais que fazem parte da festa já são consolidados como Patrimônio Arquitetônico chancelado por órgãos como IPHAN e UNESCO, o outro grupo patrimonial embora não reconhecido oficialmente perpassa pelo novo olhar ampliado do conceito de Patrimônio Cultural. São elementos já valorizados pela comunidade local e que devem ser reconhecidos por visitantes e turistas que vão à cidade durante a festa.

Nesse contexto, além do Patrimônio tangível em “pedra e cal” e dos objetos documentais, museológicos e de arte sacra, o patrimônio humano, sonoro e de fé, “o saber fazer” dos ofícios da doçaria, a busca pelas memórias vinculadas à festa, ao mito do achado e os rituais católicos, estão sendo valorizados pelos novos discursos, ações e programas de salvaguarda como elementos que formam a cultura do lugar, sendo, portanto, altamente recomendável o seu reconhecimento e a sua proteção.

Mesmo não sendo oficialmente registrada, mas por alguns dos elementos descritos anteriormente, a Festa de Nosso Senhor dos Passos em Sergipe poderia se enquadrar dentro do que estabeleceu a política de salvaguarda dos bens de natureza intangível, tendo a sua inscrição registrada na categoria das “Celebrações”,³⁷ a exemplo de outras manifestações culturais religiosas católicas pelo Brasil.³⁸

³⁷ O IPHAN estipulou quatro categorias para enquadrar os bens de natureza imaterial: “Celebrações”, “Formas de Expressão”, “Lugares” e “Saberes”.

³⁸ Festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré (Belém-Pa), Festa do Divino Espírito Santo (Pirenópolis-Go), Festa de Sant’Ana (Caicó-RN).

REFERÊNCIAS

BARRETO, Luiz Antonio. Promessas, votos e devoção. In: VIEIRA, M. J. G. **Senhor dos Passos em todos os passos**. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2006. p. 43-54.

BITTENCOURT JÚNIOR, Antônio. Penitentes do Senhor dos Passos, identidade e diversidade na religiosidade popular. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, 2007. Maringá. **Anais...** Maringá: ANPUH, 2007. p. 1-9.

BRASIL. **Inventário nacional de bens móveis e integrados: Sergipe e Alagoas**, módulo 1, v. 4. Brasília: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fundação Vitae, 2001.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Semana Santa ontem e hoje em Minas Gerais: cultura artística e religiosa. In: AMADO, J. (Org.). **História, cara e alma do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CARVALHO, Eliane M^a. S. Fonseca. **São Cristóvão e seus monumentos: 400 anos de história**. São Cristóvão: Secretaria de Estadual de Educação, 1989.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução de Vera da Costa e Silva. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.

FLEXOR, Maria Helena. M. O. Procissões na Bahia: teatro barroco a céu aberto. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO, 2, 2003, Porto. **Actas...** Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003. p. 521-534.

FLEXOR, Maria Helena Matue Ochi Flexor. Imagens de roca e de vestir na Bahia. **Revista de Arte OHUN**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 165-184, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GALVÃO JÚNIOR, José Leme. Análise da evolução morfológica do espaço urbano. In: PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN. **Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial**. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. p. 1-21. CD-ROM.

GIOVANINNI JÚNIOR, Oswaldo. Turismo, religião e patrimônio cultural. In: DIAS, Reinaldo; SILVEIRA, Emerson Sena da. (Org.). **Turismo religioso: ensaios e reflexões**. Campinas: Alínea, 2003. p. 135-149.

MACENA, Lourdes. Festas, danças e folguedos: elementos de identidade local, patrimônio imaterial de nosso povo. In: MARTINS, José Clerton de Oliveira. (Org.). **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo: Roca, 2003. p. 63-76.

MARTINS, José Clerton de Oliveira. Homem e identidade: o patrimônio humano no desenvolvimento local e no turismo. In: CORIOLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. (Org.). **Turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: FUNECE, 2003. p. 67-77.

MAUÉS, Renata de Fátima da Costa; HERRERA-ROMERO, Nireibi Deyanira; QUITES, Maria Regina Emery. Restauração de uma imagem articulada do Senhor dos Passos. In: CONGRESSO DA ABRACOR, 9, 1998. Salvador, **Anais...**, Salvador: ABRACOR, 1998. p. 48-51.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Setenta, 2008.

NUNES, Maria Tétis. A Cidade de São Cristóvão na Formação da História Sergipana: da Colônia a nossos dias. In: BRASIL. **Dossiê com a proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial**. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. 1 CD-ROM. p.1-16.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. **A imagem religiosa no Brasil**. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo; Associação Brasil 500 Anos. Catálogo da Mostra do Redescobrimento: Arte Barroca, 2000.

ORAZEM, Roberta Bacellar. **Arte colonial sergipana: análise dos elementos artísticos das igrejas da Ordem Terceira e Conventual do Carmo em São Cristóvão/SE**. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais). São Cristóvão: UFS, 2006.

PEREIRA, João Carlos. A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 3, p. 67-98, 2003.

QUITES, Maria Regina Emery. A Imaginária processional em Minas Gerais e a sua conservação. **Boletim do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira**, Belo Horizonte, v. 1, n.5, p. 1-2, 1997.

QUITES, Maria Regina Emery. **Imagens de vestir: revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as ordens terceiras franciscanas do Brasil**. 2006. 387f. Tese (Doutorado Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas)- Universidade Estadual de Campinas.

QUITES, Maria Regina Emery. Imaginária processional: classificação e tipos de articulações. **Imagem Brasileira**, Belo Horizonte, n.1, p.90-94, jan. 2007. 01 CDROM.

RABELO, Nancy Regina Mathias. Santos de vestir da Procissão das Cinzas do Rio de Janeiro - fisionomias da fé. **19 & 20**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2009.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

SANT'ANNA, Márcia. Políticas públicas e salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. In: VIANNA, Leticia (Coord.). **Registro e políticas de salvaguarda para as culturas populares**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2005. 89 p. (Encontros e estudos, nº 6).

SANTOS, José Nascimento dos. **Museu do ex-voto de São Cristóvão**: análise da exposição de longa duração. 2004. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Federal de Sergipe, Sergipe.

SERGIPE. **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGSE**. Manuscritos, Fundo Serafim Sant'iago, 1920.

STEIL, Carlos Alberto. Catolicismo e cultura. In: VALLA, V. V. (Org.). **Religião e cultura popular**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001. p. 9-40.

VILELA, Iêda Maria Leal; SILVA, Maria José Tenório da. **Aspectos históricos, artísticos, culturais e sociais da cidade de São Cristóvão**. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura e Meio Ambiente, 1989. (Série Memórias, v.1).

ZANOLLI, Carlos; COSTILLA, Julia; ESTRUCH, Dolores. Cofrades, esclavos y devotos. La peregrinación al Santuario de la Virgen de Copacabana de Punta Corral. Jujuy, Argentina. In: CRESPIAL – Centro Regional para la Salvaguardia del Patrimonio Cultural. **Patrimonio cultural inmaterial**: fiestas. Cusco: Crespial, 2010. p. 9-40